

FORMAÇÃO URBANA NO INTERIOR PAULISTA:

fontes orais e documentais construindo e preservando a história de Bocaina (SP)

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do urbano

SANTOS, Wesley Aparecido dos

Mestrando; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
wesley.a.santos@unesp.br

BENINCASA, Vladimir

Doutor; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
vladimir.benincasa@unesp.br

PRUDÊNCIO, Thamires Poi

Mestranda; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
thamires.poi@unesp.br

RESUMO

O presente artigo pretende analisar como fontes históricas, orais e documentais contribuem para a compreensão da formação urbana e da história social de Bocaina (SP), dentro do recorte temporal que abrange o intervalo compreendido entre a última década do século XIX e meados do século XX, fase essencial ao tratar da formação e estabelecimento da cidade. Metodologicamente, adotou-se a pesquisa de campo qualitativa, combinando o levantamento documental em acervos públicos e privados com entrevistas semiestruturadas. O cruzamento dessas informações permitiu uma reconstituição do cenário histórico-social do local. Os resultados reiteram a relevância das fontes documentais e orais na preservação da memória de Bocaina, compondo um panorama da memória coletiva fundamentado nas perspectivas sociológicas de Maurice Halbwachs e Michael Pollak. Conclui-se, portanto, que arquivos e memórias, individuais e coletivos, são essenciais para trazer foco e compreender as dinâmicas de construção e preservação dos espaços físicos e subjetivos das cidades do interior paulista.

Palavras-chave: Bocaina (SP); fontes históricas; história regional; memória coletiva; patrimônio urbano.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article aims to analyze how historical, oral, and documentary sources contribute to understanding the urban formation and social history of Bocaina (SP), within the time frame encompassing the last decade of the 19th century and the mid-20th century, a crucial phase in addressing the city's formation and establishment. Methodologically, qualitative field research was adopted, combining documentary research in public and private archives with semi-structured interviews. The cross-referencing of this information allowed for the reconstruction of the historical and social context of the place. The results reiterate the relevance of documentary and oral sources in preserving the memory of Bocaina, composing a panorama of collective memory grounded in the sociological perspectives of Maurice Halbwachs and Michael Pollak. It is concluded, therefore, that archives and memories, both individual and collective, are essential for focusing on and understanding the dynamics of construction and preservation of the physical and subjective spaces of cities in the interior of São Paulo state.

Keywords: Bocaina (SP); historical sources; regional history; collective memory; urban heritage.

RESUMEN

Este artículo analiza cómo las fuentes históricas, orales y documentales contribuyen a la comprensión de la formación urbana y la historia social de Bocaina (SP), dentro del período comprendido entre la última década del siglo XIX y mediados del siglo XX, una fase crucial para abordar la formación y consolidación de la ciudad. Metodológicamente, se adoptó una investigación de campo cualitativa, combinando la investigación documental en archivos públicos y privados con entrevistas semiestructuradas. La interrelación de esta información permitió reconstruir el contexto histórico y social del lugar. Los resultados reiteran la relevancia de las fuentes documentales y orales para la preservación de la memoria de Bocaina, conformando un panorama de memoria colectiva fundamentado en las perspectivas sociológicas de Maurice Halbwachs y Michael Pollak. Se concluye, por lo tanto, que los archivos y las memorias, tanto individuales como colectivas, son esenciales para comprender y analizar la dinámica de construcción y preservación de los espacios físicos y subjetivos de las ciudades del interior del estado de São Paulo.

Palabras clave: Bocaina (SP); fuentes históricas; historia regional; memoria colectiva; patrimonio urbano.

INTRODUÇÃO

Localizada na região central do estado de São Paulo, nas proximidades de Jaú, a cidade de Bocaina possui uma trajetória histórica singular. Atualmente, com pouco mais de onze mil habitantes, relatos históricos indicam que o município atingiu seu ápice demográfico no passado, contando com aproximadamente vinte mil pessoas, entre o contingente populacional urbano e rural. Conforme aponta Furlaneto (s.d.), a fundação do então “Arraial de São João” decorreu da doação de terras de José Inácio e seu sobrinho, José Inácio de Alvarenga, sendo estabelecida pelo capitão Bento Bernardes Rangel e por Luiz Valladão de Freitas. Em 11 de julho de 1891, o povoado foi elevado à categoria de município sob o nome de “São João da Bocaina”, denominação que homenageou o santo de devoção do doador e a proximidade geográfica com um boqueirão de mata. Apenas em 1938, por meio do Decreto-Lei n.º 9.775, a cidade passou a chamar-se definitivamente Bocaina.

A formação urbana de Bocaina está ligada à expansão da cafeicultura no interior paulista, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Esse crescimento para com a crise do setor a partir de 1929, desencadeando um processo de estagnação econômica, que refletiu na preservação do traçado urbano original e de um conjunto arquitetônico significativo, caracterizando o que Bortolucci (2020) denomina “preservação espontânea”. Essa permanência é resultado, além da paralisia da economia, de um grande sentimento de pertencimento dos moradores remanescentes.

Entretanto, nos dias atuais, esse patrimônio enfrenta ameaças. Mesmo que ainda apresente edificações do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, a passagem do tempo e a falta de políticas de conservação têm condenado diversas delas à ruína. Atualmente, apenas a Escola Municipal “Deputado Leônidas Pacheco Ferreira” e as telas de Benedito Calixto, presentes na Matriz de São João Batista, possuem registros oficiais de tombamento, evidenciando uma lacuna na proteção legal do acervo local. Somado a isso, nota-se a fragilidade na preservação dos arquivos documentais, como fotografias, jornais e registros oficiais, que se encontram espalhados em acervos particulares ou espaços públicos, sem o devido tratamento técnico.

A dispersão desses registros e o desaparecimento gradual dos detentores da memória oral colocam em risco a identidade coletiva de Bocaina. Considerando esse cenário, o resgate de fontes documentais e orais é necessário para evitar o apagamento de vestígios do passado. Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral reconstruir e analisar a memória de Bocaina por meio de entrevistas fundamentadas na metodologia da História Oral, realizando confronto com fontes

documentais para a composição de um panorama histórico mais próximo da realidade. Para tanto, a pesquisa de campo configurou-se como caminho metodológico essencial para acesso aos dados aqui apresentados. O artigo organiza-se em quatro etapas: o referencial teórico, a descrição de materiais e métodos, a análise documental e as considerações finais.

FONTES HISTÓRICAS E MEMÓRIA

O campo da História está vinculado aos campos da Arquitetura e do Urbanismo, especialmente no tocante à gênese das cidades. A história possibilita reconstituir o processo de formação das urbes, e compreender contextos políticos e socioeconômicos que as moldaram.

Para Cardoso (2005, p. 115), a História, enquanto disciplina, relaciona-se diretamente ao estudo das sociedades humanas e constitui-se como pré-requisito para a existência da historiografia. O autor caracteriza a historiografia sob três perspectivas: a primeira refere-se ao método ou à filosofia adotada pela História; a segunda compreende o conjunto de obras originadas de determinado tempo e espaço; e a terceira abrange estudos produzidos por historiadores ou escolas que, de maneira sistêmica, têm o objetivo de compreender, explicar ou estabelecer padrões.

Na visão de Barros (2022, p. 14), “a história estuda a história”; simultaneamente ao papel de disciplina e campo de estudo, ela assume a função de objeto de análise, apresentando-se como o conjunto de produções realizadas, até a contemporaneidade, por historiadores e autores da área.

Outro aspecto importante é a definição de “fontes históricas” a serem utilizadas. Barros (2019, p. 06) define fonte histórica como “tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente”. Com base nessa definição, pode-se considerar fontes históricas desde ação elementares, como o rastro de um caminhar sobre a grama, até mais complexas, como a produção de uma máquina.

Fontes orais e documentais

No escopo das fontes históricas, as fontes documentais podem ser compreendidas como o registro das ações humanas ao longo do tempo, das mais simples às mais complexas, conforme elucida Barros (2019). Nesse cenário, é fundamental esclarecer que o conceito de fonte documental passou por um amadurecimento teórico dentro da historiografia, partindo da Escola Metódica no século XIX, passando pela Escola dos *Annales* no século XX e alcançando a historiografia contemporânea.

PENSAR FORA DO EIXO

Nesse contexto, Barros (2019) enfatiza:

[...] as fontes históricas assumem novos papéis, para além da mera disponibilização e comprovação de conteúdo informativo. As fontes não seriam meros registros repletos de informações a serem capturadas pelos historiadores, mas também diversificados discursos a serem decifrados, compreendidos, interpretados. Não mais seriam apenas uma solução para o problema, mas parte do próprio problema (Barros, 2019, p. 08).

A História Oral, que surge no século XX, impulsionada pela invenção do gravador de fita, como metodologia de pesquisa e constituição de fontes para a história contemporânea (Alberti, 2010, p. 155), compreende apenas uma parcela do conjunto das fontes orais, que abrangem todo conhecimento transmitido geracionalmente pela fala. Portelli (2016, p. 09) diferencia "fonte oral" de "tradição oral": a primeira refere-se a narrativas individuais e informais que surgem do encontro entre pesquisador e narrador; a segunda reside na construção coletiva e formal (provérbios, mitos, cantigas).

Diferente das fontes orais tradicionais, a História Oral é intencional e produzida pelo contato direto, é, fundamentalmente, uma "arte da escuta" (Portelli, 2016, p. 10). Portelli observa que, muitas vezes, o dado mais relevante de um relato surge além do que foi programado no roteiro. Alberti (2010) reforça que essa dinâmica permite examinar como os indivíduos constroem suas experiências, possibilitando questionar interpretações generalistas sobre acontecimentos históricos.

No estudo sobre Bocaina, as fontes orais emergem da percepção da ansia da população local em relatar suas trajetórias de vida. Essa oralidade é acompanhada por fontes documentais diversas, desde registros oficiais a acervos fotográficos familiares. Nesse cenário, o trabalho com entrevistas e fontes documentais impôs-se à pesquisa, tornando a reconstrução da história e a preservação das memórias de Bocaina um processo mais rico em detalhes e sentidos do que o uso isolado de arquivos visuais permitiria.

Memória

As fontes históricas estão ligadas às memórias, construídas e preservadas, ou não, de maneiras diversas por indivíduos ou grupos. Nesse sentido, é importante salientar que, no âmbito da História, da Sociologia e de outras áreas das Ciências Humanas, essas memórias podem adquirir definições e sentidos distintos, a depender de uma série de fatores.

PENSAR FORA DO EIXO

Jô Gondar (2008) discute os conceitos de memória individual, coletiva e social, destacando a complexidade de suas definições devido à multiplicidade de significados que carregam. Ressalta, ainda, que as perspectivas mais contrastantes entre autores e campos do conhecimento surgem justamente na tentativa de distinguir as esferas individual, coletiva e social da memória (Gondar, 2008, p. 03).

Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo francês, apresentou, em sua obra *A memória coletiva* (1990), a tese de que a memória é um processo social, e não puramente individual. Seu pensamento reflete a influência de seu mentor, Émile Durkheim (1858-1917), precursor da Sociologia que cunhou o termo “fato social” e elaborou a teoria de que a sociedade se impõe ao indivíduo, moldando-o para manter a ordem coletiva.

Ao tratar das memórias individuais e coletivas, Halbwachs (1990, p. 25) afirma que o indivíduo, ao visitar determinado espaço ou experiência, encontra em suas lembranças um confronto de diversos depoimentos que, mesmo apresentando divergências, concordam no essencial, permitindo o reconhecimento desse espaço ou vivência. Além disso, as lembranças podem ser validadas por outras pessoas, reafirmando o fato recordado. O autor discorre sobre como as recordações individuais se entrelaçam às coletivas, e, mesmo em momentos de isolamento, o contexto social em que o indivíduo viveu se faz presente, influenciando seus pensamentos e sua memória pessoal.

Pollak (1992, p. 201), ao elaborar sobre a memória e a identidade social, observa que Halbwachs compreendia a memória como um fato coletivo e social sujeito a mudanças constantes, ressaltando, contudo, a existência de marcos imutáveis. Há acontecimentos que integram o imaginário individual quase como heranças, devido a uma forte identificação gerada pela socialização política e histórica. Para Pollak, a identidade é uma construção ligada à memória, visto que o indivíduo recorre a ela para reforçar a imagem que cria de si mesmo.

Dessa forma, observar como a memória auxilia na construção do ser, individual e coletivo, para si e para os outros, permite compreender o senso de pertencimento dos cidadãos bocainenses. Ainda, as fontes históricas orais e documentais reforçam a construção de suas identidades, o que torna o processo de reconstrução da história de Bocaina e a preservação de seus patrimônios materiais e imateriais uma experiência ímpar.

O PROCESSO

PENSAR FORA DO EIXO

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de campo de natureza qualitativa. Derivado de uma pesquisa de mestrado, o estudo busca compreender os processos históricos, econômicos e sociais que culminaram na formação urbana e na história social de Bocaina (SP).

O percurso metodológico iniciou-se com o levantamento bibliográfico para fundamentar o contexto do objeto de estudo. Destacam-se as contribuições de Marx (1991), acerca do processo de urbanização brasileiro e das relações de poder no espaço urbano, e de Luna e Klein (2019), que fornecem o panorama econômico do estado de São Paulo no período de surgimento do município. Para a compreensão dos fenômenos de preservação espontânea e pertencimento local, utilizaram-se as bases teóricas de Halbwachs (1990) e Pollak (1989; 1992) sobre memória coletiva e identidade social.

Posteriormente, realizou-se uma busca sistemática em bases de dados como Google Acadêmico, SciELO e Periódicos CAPES, seguindo os critérios descritos por Galvão e Ricarte (2019). A escassez de resultados sobre o contexto específico de Bocaina reforçou a necessidade da pesquisa de campo como etapa essencial. Após uma visita de reconhecimento técnico, constatou-se a integridade de estruturas arquitetônicas centenárias e a viabilidade da coleta de relatos orais.

Para a execução das entrevistas, elaborou-se um roteiro semiestruturado, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição responsável (conforme Parecer Consubstanciado nº 7.644.889). As diretrizes para a organização, coleta e tratamento do material oral se fundamentaram no manual de Alberti (2013). Os participantes foram selecionados pelo critério de idade e tempo de residência, com o objetivo de acessar memórias mais remotas da formação da cidade. A seleção deu-se por meio da técnica bola de neve, na qual contatos iniciais na Biblioteca Municipal geraram indicações seguintes. Os relatos foram registrados via smartphone para posterior transcrição e análise de conteúdo.

A fase de campo possibilitou, ainda, o acesso a fontes documentais primárias guardadas em acervos pessoais e órgãos públicos. A análise deste material seguiu as orientações de Cellard (2012), que trata dos desafios e métodos da pesquisa documental. Até a etapa atual, o *corpus* documental sistematizado compreende 853 fotografias (datadas a partir da última década do século XIX), 244 páginas de periódicos, 508 páginas de documentos oficiais e 35 mapas e plantas baixas (do século XIX ao XXI), além de quatro entrevistas. Todo o acervo iconográfico foi digitalizado e organizado por tipologia e procedência para viabilizar o cruzamento analítico dos dados.

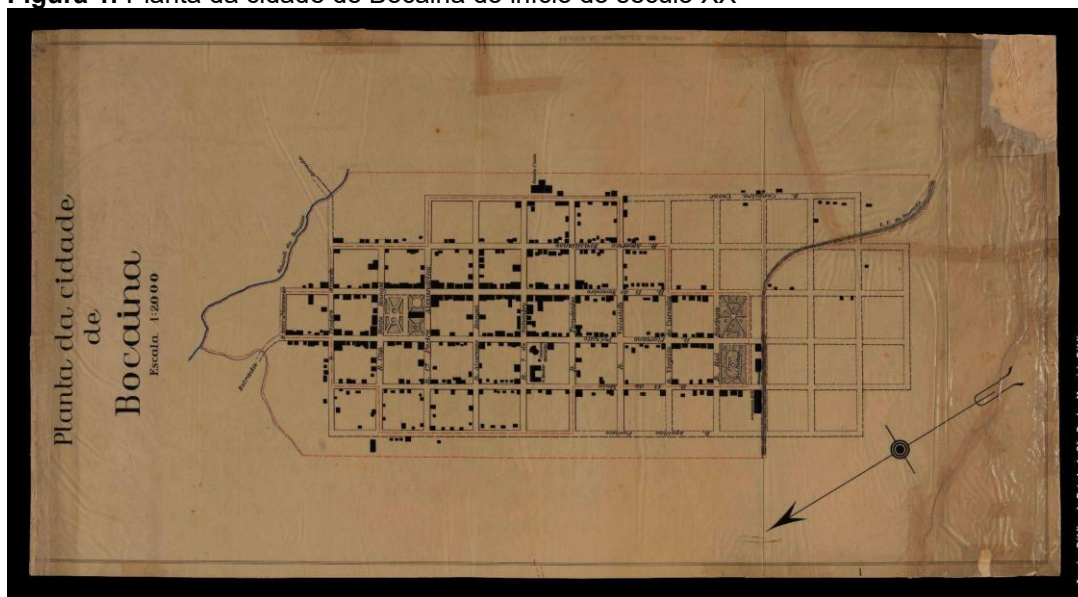
Durante a preparação deste trabalho, a utilização de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa, mais especificamente a *Google Gemini 3 Flash*, foi empregada no momento de revisão textual, para auxiliar na revisão gramatical, correção estrutural e refinamento do texto. A ferramenta foi utilizada exclusivamente como suporte linguístico, não tendo sido empregada para a geração de dados, interpretação de resultados ou tomada de decisões intelectuais. Os autores revisaram criticamente as sugestões da ferramenta e assumem integral responsabilidade pela precisão, originalidade e integridade do conteúdo final, conforme as diretrizes da Portaria CNPq nº 2.664/2026.

RESULTADOS E ANÁLISE

A seguir são apresentados figuras e entrevistas coletadas na pesquisa de campo realizada na cidade de Bocaina (SP). A partir da sistematização desses materiais, foi possível construir um panorama da formação urbana da cidade e de sua história social.

A Figura 1 ilustra a planta inicial da cidade, datada entre o final do século XIX e o início do século XX. Embora a ausência de legendas, devido ao desgaste natural do documento, impossibilite a precisão da data de elaboração, a presença da linha férrea da Companhia Estrada de Ferro do Dourado (CEFD), a “Douradense”, sugere que o registro seja posterior a 1910, ano de instalação da linha no município.

Figura 1. Planta da cidade de Bocaina do início do século XX



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), 2024.

Figura 2. Vista aérea de Bocaina, 1939.



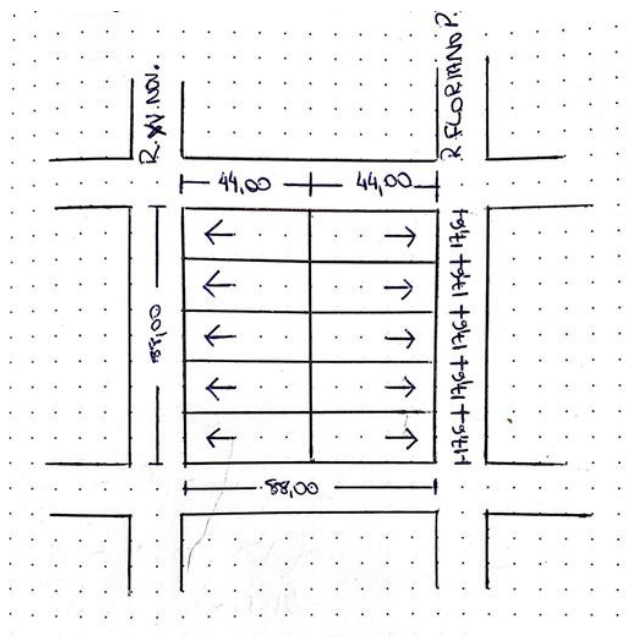
Fonte: Caroline de Melo Almeida, Laís da Silva Rodrigues, Lucas do Nascimento Souza e Patrícia Cereda de Azevedo [202-]. Cedida por Nilson Ghirardello (2024).

Aspecto interessante de se observar é a disposição ortogonal das quadras e lotes. De acordo com o Entrevistado B (2025)¹:

[...] Bocaina foi uma cidade planejada, foi dividida em quadras, quarteirão de Bocaina era oitenta e oito, por oitenta e oito. [...] a frente dos lotes era sempre assim, oitenta e oito, dividido, eles cortavam o quarteirão nesse sentido aqui (indicando o sentido transversal às ruas da igreja matriz), ficava quarenta e quatro por oitenta e oito, e oitenta e oito dividido por cinco dava dezessete e sessenta, então a data (se referindo ao lote) de Bocaina era dezessete e sessenta por quarenta e quatro. Cada quarteirão, eles tinham dez datas. [...] cada quarteirão cinco de um lado e cinco do outro (Entrevistado B, 2025).

Figura 3. Croqui da divisão de lotes como descrito pelo Entrevistado B

¹ Informação fornecida pelo Entrevistado B em entrevista concedida a Wesley Aparecido dos Santos, em Bocaina, em 12 de setembro de 2025.

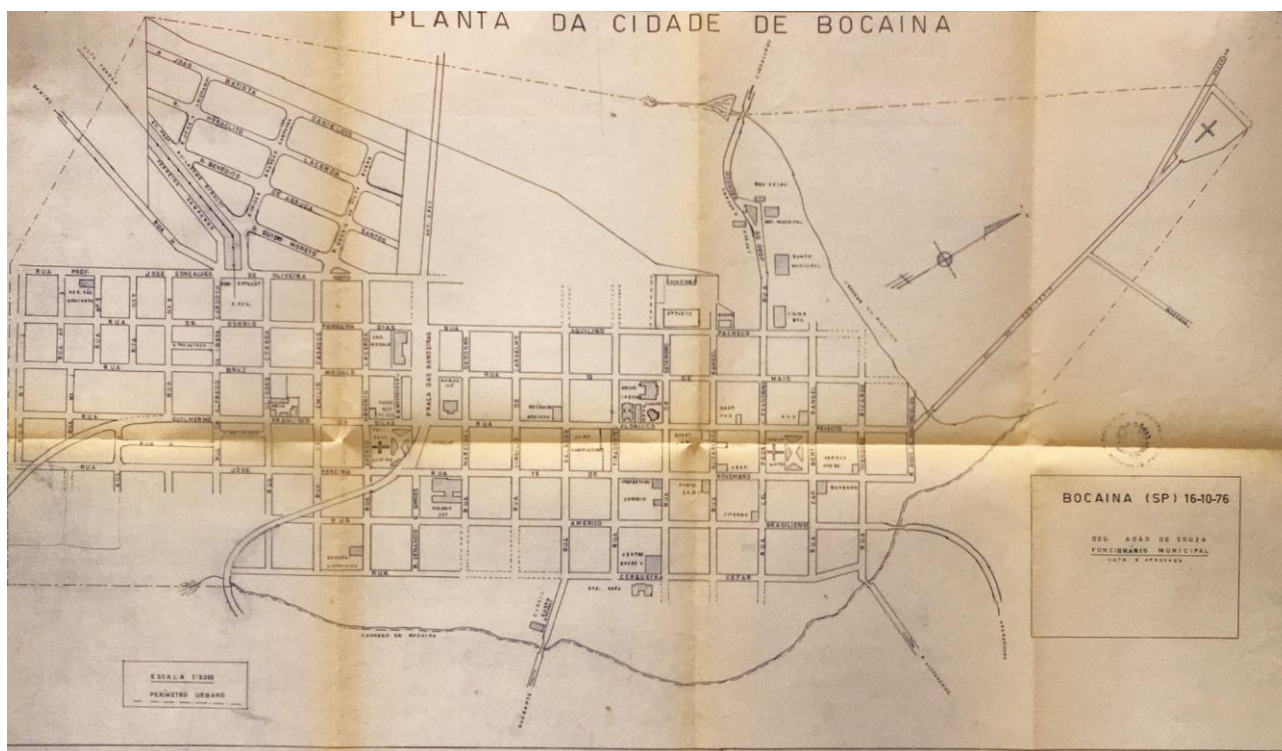


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

A disposição das quadras e lotes revela um planejamento ortogonal rigoroso. Segundo o Entrevistado B (2025), o quarteirão padrão de Bocaina media 88 metros por 88 metros, subdividido em dez "datas" (lotes) de 17,60 metros de frente por 44 metros de fundo (Figura 3). Embora o adensamento familiar tenha gerado subdivisões posteriores, esse traçado original ainda é perceptível na morfologia urbana atual. O entrevistado ressalta ainda uma segregação socioespacial inicial: enquanto o centro abrigava os casarões, as famílias de trabalhadores que vinham das fazendas ocupavam a "parte alta" da cidade, paralela à linha férrea, onde os lotes eram mais acessíveis e as casas construídas pelos próprios moradores.

Figura 4. Planta de expansão de Bocaina, 1976.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Caroline de Melo Almeida, Laís da Silva Rodrigues, Lucas do Nascimento Souza e Patrícia Cereda de Azevedo [202-]. Cedida por Nilson Ghirardello (2024).

Na Figura 4, é possível observar o processo de expansão relativamente lento da cidade em uma média de aproximadamente sessenta anos, confirmando a ideia de estagnação apresentada anteriormente. Um elemento central nesse processo foi a ferrovia, responsável não apenas pelo escoamento cafeeiro, mas pelo transporte de passageiros e circulação de informações como jornais e revistas.

A memória ferroviária se mostrou afetiva e sensorial, sendo marcante na cidade. De acordo com o relato do Entrevistado A (2025)²:

[...] cogitou-se derrubar a estaçãozinha (sic.) [...] pelo menos o que nós lutamos na época é isso aí (se referindo ao remanescente ferroviário atual)... veio até gente da CONDEPHAAT³ de São Paulo para analisar [...] e conseguimos não derrubar! [...] ele (o trem, referindo-se à composição ferroviária) passava aqui atrás, aqui (se referindo ao espaço atrás da atual biblioteca municipal), ele vinha de Itajuba, Bariri, parava aqui, ele passava aqui atrás, então eu lembro dele apitando, as pessoas

² Informação fornecida pelo Entrevistado A em entrevista concedida a Wesley Aparecido dos Santos, em Bocaina, em 11 de setembro de 2025.

³ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, criado em 1968. É o órgão estadual de São Paulo responsável por proteger, valorizar e tomba bens culturais móveis, imóveis e materiais, e está vinculado à Secretaria da Cultura

PENSAR FORA DO EIXO

vinham... vinha jornal, vinha revista, né?! Quem era representante [...] eu lembro só dessas coisas, assim, o som do apito [...] (Entrevistado A, 2025).

Outro depoimento que reforça esse aspecto da memória do cidadão bocainense com a ferrovia é o relato do Entrevistado D (2025)⁴:

[...] a gente era moleque de tudo, doze anos, acho que doze, treze anos, a gente subia lá na estação para ver. Porque a gente achava uma máquina fantástica, aquele barulheiro (sic.) [...] ali onde é a biblioteca era a casa do chefe (Entrevistado D, 2025).

Figura 5. Estação da Companhia Estrada de Ferro do Dourado em Bocaina, 1933.



Fonte: Caroline de Melo Almeida, Laís da Silva Rodrigues, Lucas do Nascimento Souza e Patrícia Cereda de Azevedo [202-]. Cedida por Nilson Ghirardello (2024).

O Entrevistado A (2025) recorda o som do apito e a mobilização popular para evitar a demolição da estação, contando inclusive com a intervenção do CONDEPHAAT. Já o Entrevistado D (2025) descreve o fascínio infantil diante da "máquina fantástica" e do barulho que dominava o cotidiano.

Figura 6. Remanescente da Estação Ferroviária, em registro de 1989, já sem os trilhos, desativados no final da década de 1960.

⁴ Informação fornecida pelo Entrevistado D em entrevista concedida a Wesley Aparecido dos Santos, em Bocaina, em 19 de dezembro de 2025.



Fonte: Caroline de Melo Almeida, Laís da Silva Rodrigues, Lucas do Nascimento Souza e Patrícia Cereda de Azevedo [202-]. Cedida por Nilson Ghirardello (2024).

Figura 7. Remanescente da Estação Ferroviária, 2025.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Na Figura 6, apresenta-se o remanescente da estação, já desativada em 1989. Naquele registro, já não se enxergavam mais os trilhos do trem, retirados logo após a desativação do ramal em 1966 (Giesbrecht, 2020). Ao fundo, é possível observar a casa do chefe da estação, que atualmente abriga a Biblioteca Municipal Emmanuel Guedes. Hoje (Figura 7), a estrutura física permanece como em 1989, embora o entorno conte com asfalto, praças e a estação rodoviária. Parte dos armazéns remanescentes atende às demandas públicas da cidade, espaços que outrora testemunharam o apogeu e o subsequente declínio da cafeicultura.

Outro aspecto fundamental a ser abordado sobre Bocaina, para além de seu assentamento urbano e da malha ferroviária, é o aspecto social. Inicialmente, parte da cidade foi ocupada por imigrantes portugueses, espanhóis e, de forma expressiva, italianos, que buscavam no Brasil melhores condições de vida, estabelecendo-se no interior do estado de São Paulo para atuar no plantio e na

PENSAR FORA DO EIXO

colheita do café. A influência da comunidade italiana foi tão marcante que um dos clubes mais importantes do município foi o “Fascio Italiano”, conforme relato do Entrevistado C (2025)⁵:

[...] estava num estado muito precário, né?! e os sócios não investiram nele, pra... reformar. [...] foi inaugurado, em mais ou menos mil e novecentos, por aí. [...] tinha só italiano. [...] já estava decaindo, funcionou como posto de saúde, posto de puericultura para a saúde e depósito de materiais, depois o que aconteceu?! doaram para o Estado, o Estado demoliu e construiu a Casa da Lavoura. (Entrevistado C, 2025).

Segundo informações do Entrevistado D (2025), o Fascio foi desapropriado durante a Segunda Guerra Mundial, visando impedir a concentração de italianos, então considerados 'inimigos da pátria'. Ao confrontar os relatos, observam-se pontos convergentes e divergentes. Enquanto o depoimento do Entrevistado B menciona a doação do prédio, o outro sustenta a tese da tomada por motivos políticos. Para dirimir tal ambiguidade, seria necessária a busca por novos documentos que confirmassem uma versão ou outra. O edifício era tido como monumental (Figura 8) e a sociedade bocainense lamentou profundamente sua deterioração e posterior demolição.

Figura 8. Fascio Italiano, séc. XX.



Fonte: Caroline de Melo Almeida, Laís da Silva Rodrigues, Lucas do Nascimento Souza e Patrícia Cereda de Azevedo [202-]. Cedida por Nilson Ghirardello (2024).

Além do Fascio Italiano, existiram e ainda existem na cidade o “Clube União”, frequentado à época pelas camadas mais abastadas da sociedade bocainense, e o “Nosso Clube”, de caráter mais popular. Dessa forma, ainda que de maneira velada, nota-se uma divisão social, embora nas dinâmicas cotidianas as diferentes classes ocupassem os mesmos espaços. Outro aspecto relatado

⁵ Informação fornecida pelo Entrevistado C em entrevista concedida a Wesley Aparecido dos Santos, em Bocaina, em 16 de outubro de 2025.

pelos entrevistados eram as reuniões na praça da igreja, momento de socialização de toda a comunidade, especialmente dos jovens. Segundo os Entrevistados A e D, o público se reunia na praça da Igreja Matriz de São João Batista, onde os jovens formavam um círculo: os homens deslocavam-se em um sentido e as mulheres no oposto, criando aproximações que propiciavam o flerte. Também por meio de avisos de rádio eram transmitidas declarações amorosas e respostas. Esse arranjo social era chamado de *footing*, costume muito comum no Brasil entre as décadas de 1920 e 1950. Essa prática era uma forma de "ver e ser visto", típica das cidades do interior paulista influenciadas pelo ideal de urbanidade europeu do início do século XX.

Figura 9. Jardim da Praça da Matriz, meados do séc. XX.



Fonte: Caroline de Melo Almeida, Laís da Silva Rodrigues, Lucas do Nascimento Souza e Patrícia Cereda de Azevedo [202-]. Cedida por Nilson Ghirardello (2024).

O material coletado mostra outros aspectos da sociabilidade e das atividades cotidianas de Bocaina, como eventos esportivos (corridas de bicicleta, jogos de futebol), formaturas escolares, piqueniques à beira de lagos, desfiles cívicos, festas populares (carnavais, procissões, gincanas, cavalgadas), recepções a políticos visitantes, ou cenas da vida privada (retratos, quintais, interiores de casas, etc.), ou aspectos públicos urbanos, mostrando o casario eclético, vias ainda sem pavimentação, os primeiros automóveis, inauguração ou confecção de obras de infraestrutura etc. Alguns desses aspectos são mostrados na montagem com fotos da figura 10, do acervo particular de Paulo Roberto Nigro Rivera, que gentilmente cedeu as fotos para a pesquisa.

Figura 10. Montagem com fotos do cotidiano de Bocaina em meados do séc. XX.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Acervo Paulo Roberto Nigro Rivera (s.d). Elaborado pelo autor (2026).

Ao analisar os documentos e as fontes orais de Bocaina, observa-se grande quantidade de detalhes, materiais e imateriais, que circundam a gênese da cidade e sua evolução ao longo dos séculos XX e XXI. O que se apresentou neste estudo é uma parcela restrita do vasto material coletado, constituindo um recorte de um espectro muito mais amplo. Nesse contexto, se justifica a continuidade de pesquisas sobre o município sob diversas perspectivas historiográficas. A memória, portanto, apresenta-se e constrói-se em cada espaço e narrativa, materializando-se em múltiplos registros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bocaina originou-se ao final do século XIX, em meio à transição para a Primeira República e ao ciclo de expansão da cafeicultura para o interior paulista. Assim como acompanhou a ascensão da monocultura, o município enfrentou a estagnação econômica com a crise cafeeira da década de 1930. Uma característica marcante da cidade é a preservação espontânea de sua arquitetura e de

PENSAR FORA DO EIXO

seu traçado urbano original, o que gera nos cidadãos um nítido sentimento de orgulho e pertencimento. Essa percepção é evidente tanto na oralidade quanto nos acervos pessoais e públicos que salvaguardam as memórias da população. Isto posto, o presente estudo relacionou fontes históricas, orais e documentais à preservação da história de Bocaina, reforçando o papel desses registros na (re)construção e na proteção da cultura material e imaterial das cidades.

As fontes orais, coletadas diretamente com os munícipes, corroboram as informações contidas nos documentos e fotografias acessados. Mapas e plantas do início do século XX reforçam a tese de um planejamento prévio quanto à implementação de infraestrutura, incluindo estudos detalhados para o abastecimento de água e coleta de esgoto. Além disso, o acervo iconográfico revela a vida social passada, de reuniões em clubes e sessões de cinema a cortejos fúnebres. O cruzamento dessas fontes primárias com as entrevistas realizadas evidencia que a memória permanece como um elemento central na dinâmica da cidade, mesmo na contemporaneidade.

Os dados obtidos confirmam a teoria de Maurice Halbwachs, ao demonstrarem que a memória não constitui um ato puramente individual, sendo construída de maneira coletiva e social, as lembranças individuais são atravessadas pelo contexto comum e transmitidas geracionalmente. Os resultados reforçam o conceito de "memória herdada", de Michael Pollak, uma vez que, nos relatos, é perceptível um sentimento de participação em lugares e eventos nos quais os entrevistados não estiveram fisicamente presentes, mas dos quais se apropriaram por meio do convívio social.

Por se tratar de um estudo vinculado ao desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, o tempo delimitou a abrangência da coleta e da análise documental. Como parte desse material ainda está em análise, novos dados poderão ser gerados posteriormente ao que foi demonstrado neste trabalho. Embora tenha sido possível obter um panorama da questão histórica e social de Bocaina, tornou-se necessário focar em determinados recortes em detrimento de outros. Nesse sentido, sugere-se para pesquisas futuras o aprofundamento em tipologias específicas, como o vasto volume de jornais antigos identificados, ou a ampliação do escopo das entrevistas, visando detalhar ainda mais as camadas da história local.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In PINSKY, Carla (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. FGV, 2013. 384 p.

PENSAR FORA DO EIXO

BARROS, José d'Assunção. Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2019. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 fev 2026.

BARROS, José D'assunção. História e Historiografia: todas as interações possíveis. In: BARROS, José D'assunção (org.). A historiografia como fonte histórica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022. p. 14-89. Disponível em: https://arquivos.ufrj.br/arquivos/2022205006d3003242233407bbb69828d/Histria_e_Historiografia_-_todas_as_interaes_possveis__in_A_Historiografia_.pdf. Acesso em: 28 fev. 2026

BORTOLUCCI, Maria Angela Pereira de Castro e Silva. Uma percepção da preservação nas cidades médias e pequenas do interior paulista. In: REZENDE, Natalia Cappellari de et al (org.). Reflexões sobre o patrimônio cultural brasileiro : homenagem aos 80 anos do Iphan. São Carlos: Universidade de São Paulo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, 2020. p. 108-149. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/570>. Acesso em: 07 mar. 2024

CARDOSO, Ciro Flamarion. Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios. Bauru: Edusc, 2005. 284 p.

CELLARD, André. A análise documental. In: Poupart, Jean; et. al. (org.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 295-316

FARIAS, Marcilene Nascimento de; FONSECA, André Dionei; ROIZ, Diogo da Silva. A escola metódica e o movimento dos Annales: contribuições teórico-metodológicas à história. AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, [S. l.], v. 14, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/588>. Acesso em: 30 mar. 2026.

FURLANETO, Walmir. Uma cidade e um pouco da sua história . 2. ed. [s. l.]: [s.n.], [s.d.]

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da Literatura: Conceituação, Produção e Publicação. LOGEION : Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, 2019.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. Bocaina. Estações ferroviárias do Brasil, 2020. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/bocaina.htm>. Acesso em 22 jun 2020.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas , [S. L.], v. 8, n. 13, 2008. Disponível em: https://arquivistica.fci.unb.br/wp-content/uploads/tainacan-items/_x_88008/88226/48_15-24462-1-SM.pdf. Acesso em: 24 mar. 2026.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. História econômica e social do estado de São Paulo, 1850-1950 . São Paulo: Imprensa Oficial, 2019

MARX, Murillo. Cidade no Brasil, terra de quem? São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.



PENSAR FORA DO EIXO

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos : Teoria e História, [S.L.], v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 24 mar. 2026.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos : Teoria e História, [S.L.], v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 24 mar. 2026.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.